

28-02-2024

“Mulher da Terra”

Chiara Lages

[Bibliotecária]



Aniversário de 90 anos

Proseava com Agnes Garal lembrando de agradável trabalho na organização de acervos doados por famílias. Entre os guardados de entes queridos, livros, e também, cartas, gravações de áudios, vídeos, documentários, filmes... - *Sabe, Agnes, sinto saudades dos Documentários que não assisti...* Em gostosa risada, se despede: - *Vixe, de novo? Beijuuuss...* Tardava a noite... Acesa pelas recordações, fui ao Google... Claro, a lista de documentários brasileiros é

extensa. Mas... aquele *arrepio na espinha...* direcionou-me ao título "Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra". A quase centenária Elizabeth Altino Teixeira (Sapé/PB, 13/02/1925), 99 anos, faz jus ao adágio "*marcada para viver*". Pelo seu trabalho como Educadora Popular merece o título de Doutora. Pela defesa dos trabalhadores do campo, o doutoramento em Saúde do Trabalhador. A coragem de enfrentar seu pai fazendeiro e seguir seu coração por amor a João Pedro¹, preto e pobre, merece o reconhecimento de todas as mulheres que amam o amor e dos movimentos antirracistas e de gênero.

**Por continuar a luta de seu marido pela Reforma Agrária,
Doutora Elizabeth Teixeira,
merece o amor de todos nós, trabalhadores brasileiros!**

Elizabeth estudou apenas dois anos pois seu pai não queria que a filha (à época, mais ainda no campo, era comum essa proibição às mulheres) frequentasse a escola e levou-a para trabalhar sob suas vistas na vendinha da família. Pois foi aí que aos 15 anos conheceu e se enamorou do Pedreiro João Pedro, que a pediu em casamento. Com planos de casar a filha com algum fazendeiro abastado, Manoel Justino negou - o pretendente era negro e pobre. Aos 16 anos, foge para casar. O pai a pressionou sem sucesso diversas vezes, inclusive com oferta de dinheiro, para que abandonasse o marido. Continuaram juntos e felizes por 21 anos, até o assassinato de João Pedro pelos latifundiários em 02/04/1962, em covarde emboscada com tiros pelas costas. Tiveram onze filhos. Nessas duas décadas, precisaram migrar para Recife/PE em busca de trabalho, João Pedro, que não tolerava o modo como os operários eram explorados, tornando-se sindicalista da construção civil, era perseguido, negavam-lhe emprego, passaram fome... e perseveraram... Com a oferta de Manoel Justino de morarem em um casa da família em Sapé retornam ao campo e se indignam ao verem como sobreviviam os camponeses nos engenhos diante da avassaladora concentração de renda e de terras. Entram na luta das Ligas Camponesas. Ele foi preso 'n' vezes, precisou fugir e viver escondido, a família ficava amparada pelas Ligas. "*Você sempre me perguntava se eu continuaria sua luta caso algo acontecesse. Eu ficava calada, sem saber o que dizer. Hoje, eu digo que continuarei sua luta, João Pedro, até o fim.*" E continuou... ..

Elizabeth reuniu mais de dois mil camponeses da Liga em assembleia logo depois da morte do amado. Liderando as Ligas Camponesas, foi presa diversas vezes, sofreu atentados de morte, tentativas de suborno com dinheiro para que abandonasse a luta. Resistia sempre. Nessa época, seu pequeno Isaque foi estudar em Cuba e ela foi visitá-lo. No dia seguinte ao golpe militar que anoiteceu o Brasil, vasculharam e tentaram incendiar sua casa. Estava fora, quando soube, fugiu para a mata. Ao retornar em busca dos filhos, prenderam-na por quase quatro meses. Ao ser libertada, foi orientada pelos camaradas da luta a fugir. Após tentativas frustradas, conseguiu exilar-se no interior (São Rafael/RN) com o caçula, onde assumiram novas identidades (Marta Maria da Costa e Carlos) vivendo na clandestinidade por cerca de 16 anos. Trabalhou como lavadeira, adoeceu pela água poluída, passou fome por estar doente sem poder trabalhar. Ela e o filho sobreviveram da solidariedade entre os mais pobres. Ao observar crianças nas ruas sem escola, ofereceu-se às mães para ensiná-las em troca de comida. E na sala da casa de uma mãe, da doação de cadeiras de outra, alfabetizou e ensinou tabuada à garotada. Marta – ninguém sabia que era a viúva de João Pedro – conversava com todos sobre a pobreza e a necessidade da reforma agrária, inclusive com o pessoal do Sindicato Rural da cidade. Precisou ainda lidar com dramas pessoais. A primogênita suicidou-se logo após o assassinato de João Pedro. Seus “filhinhos” foram escolhidos como objetos e distribuídos entre parentes para criação (PB, PE, RJ, SP). Ao retornar do exílio, testemunhou o assassinato do filho José Eudes pelo irmão João Pedro que defende as elites agrárias. Em defesa dos camponeses, José Eudes fundou na casa dos pais uma associação que hoje abriga o Memorial das Ligas Camponesas (Sapé/PB). Com a intermediação de seu filho Abrahão, se aproxima do cineasta Eduardo Coutinho que então retoma o irretocável Documentário “Cabra Marcado para Morrer”¹.

**Esse Doc deveria ser exibido e debatido no ensino fundamental.
Deveria circular regularmente nas redes sociais para que
as crianças de todas as idades e classes sociais
aprendam a se indignar com as injustiças sociais.**

A velhice não arrefeceu sua luta e seu legado está registrado em livros, reportagens, entrevistas, documentários no Memorial ao lado de lideranças camponesas, como Margarida Maria Alves (brutalmente assassinada). As palavras de Elizabeth ao final do documentário continuam ecoando... ..

"Enquanto houver fome e miséria tem que haver luta dos camponeses, operários, mulheres, estudantes e de todos os oprimidos e explorados."

■■■
"Tanto sofrimento, tantas desgraças na minha família... e o sonho de João Pedro? A Reforma Agrária ainda não foi implantada em nosso País?"

Eu prometi para João Pedro: marcharei em tua luta!" (CPT, 2011)

■■■

Nota: 1. João Pedro Teixeira foi um líder camponês da Paraíba assassinado em 1962, retratado em “Cabra marcado para morrer”, documentário de Eduardo Coutinho, iniciado em 1962, interrompido em 1964, retomado e finalizado em 1984. Na retomada, Coutinho continua o Doc como Filme, com atores representando alguns personagens. E também localiza, registra depoimentos e promove o reencontro de Elizabeth (que representa a si mesma) com os filhos.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.